

“Ser irmão é ser o quê”?¹

Um estudo sobre o Complexo Fraterno e a constituição do Eu

Paula Esteves Daudt Sarmiento Leite²

Resumo: O artigo apresenta a temática do complexo fraterno, conteúdo fundamental no vértice estruturante e traumático do psiquismo, porém, pouco reconhecido no corpo psicanalítico. Através de renomados autores como René Kaës e Kancyper, o complexo fraterno é apresentado em suas dimensões narcísica e edípica. A autora propõe nomear de complexo fraterno primário e secundário tais dimensões, referindo-se às especificidades das categorias “ser irmão” e “ter um irmão”. A problemática da morte do irmão ganha destaque em associação com a obra de José A. Carrascoza.

Palavras chaves: Complexo fraterno. Constituição do eu. Irmão. Luto.

Primeiras considerações:

O célebre trecho da carta que Freud escreve para Fliess, em 3 de outubro de 1897, a respeito da morte de seu irmão Julius, ilustra e apresenta o tema deste artigo: “. . . saudei a chegada de meu irmão um ano e meio mais novo (que morreu

¹ “Cada irmão é diferente. Sozinho acoplado a outros sozinhos. A linguagem sobe escadas, do mais moço ao mais velho e seu castelo de importância. A linguagem desce escadas, do mais velho ao mísero caçula. São seis ou seiscentas distâncias que se cruzam, se dilatam. No gesto, no calar, no pensamento? Que léguas de um a outro irmão. Entretanto, o campo aberto, os mesmos copos, O mesmo vinhático das camas iguais. A casa é a mesma. Igual, vista por olhos diferentes? São estranhos próximos, atentos à área de domínio, indevassáveis. Guardar o seu segredo, sua alma, seus objetos de toalete. Ninguém ouse, indevida cópia de outra vida. Ser irmão é ser o quê? Uma presença, a decifrar mais tarde, com saudade? Com saudade de quê? De uma pueril vontade de ser irmão futuro, antigo e sempre?” (Carlos Drummond de Andrade, em Boitempo).

² Psicóloga, Psicanalista, Membro associado da SBPdePA, Membro Efetivo do CEPdePA, Sócio Titular do ITIPOA.

após alguns meses) com desejos hostis e um autêntico ciúme infantil; e a morte dele deixou em mim o germe das autorrecriações" (Jeffrey, 1986, p. 269).

Do vértice narcísico ao edípico, do constitutivo ao traumático, as repercussões das experiências entre irmãos foram sendo compreendidas como demandas psíquicas essenciais no trabalho com vários analisandos, o que motivou o estudo sobre esse tema. Nuances afetivas, identificações, conflitos, fantasias, segredos e traumas vividos entre irmãos reais e simbólicos surgiram como conteúdos significativos na experiência emocional dos sujeitos, como processos de subjetivação e material de análise.

Para preservar a ética clínica e ilustrar os conceitos trabalhados, escolho dialogar com o sensível texto de João Carraschoza (2019), no livro *Elegia do irmão*, escrito frente ao adoecimento e a morte de sua única irmã. Nas suas palavras: "Evoco aqui, em nome do convívio fraterno, a matéria de carne e sangue que ainda atende pelo nome de Mara, minha irmã" (p. 15).

É surpreendente, segundo os autores que se dedicaram ao estudo das relações fraternas, como Kaës e Kancyper, que essas relações tenham sido consideradas secundárias ou até mesmo acessórias no escopo psicanalítico. Se em algum aspecto as questões fraternas são assinaladas em torno da clínica, o conceito de "Complexo Fraterno" não faz parte, à guisa de exemplo, dos conceitos admitidos em importantes dicionários de psicanálise. Estaria esse desfecho relacionado com a forma como o próprio Freud abordou e desenvolveu essa dimensão horizontal da relação entre os irmãos em sua obra?

Conforme Kaës (2011), apesar do valor – hesitante, possivelmente pela própria experiência com os seus irmãos – que Freud confere para a questão do fraterno em sua obra, ele o faz desde a perspectiva dos efeitos das relações entre irmãos e irmãs sobre a organização psíquica ulterior. Ao longo da obra freudiana, os apontamentos sobre as relações fraternas se revelam, por exemplo, nos desfechos sobre a sexualidade infantil do Pequeno Hans (impacto do nascimento da sua irmã Hanna), na condição traumática do Homem dos Lobos (a sedução por parte da irmã) ou no papel dos laços fraternos e a constituição da civilização, como em *Totem e tabu*.

Por trazer a temática do fraterno, essencialmente no que se refere aos sentimentos de ódio, inveja e rivalidade para com o amor dos pais e dos objetos, Freud acaba circunscrevendo seu lugar enquanto coadjuvante em relação ao complexo de Édipo. As interfaces do complexo fraterno com a identificação primária e o narcisismo, por exemplo, não são enunciadas de forma explícita ao longo do texto freudiano. O termo complexo de irmão ou irmã (*der Geschwisterkomplex*) aparece apenas uma vez na sua obra, em 1922, no artigo *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*:

Embora possamos chamá-lo de normal, esse ciúme não é em absoluto completamente racional... isso por achar-se profundamente enraizado no inconsciente, ser uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança e originar-se do Complexo de Édipo ou do complexo de irmão e irmã do primeiro período sexual. (Freud, 1922/1976k, p. 271)

Kaës (2011), assinalando a singularidade das vivências fraternas, defende a tese de que o fraterno seja nomeado como um verdadeiro “complexo”, com estrutura, organização e função no espaço psíquico do sujeito inconsciente. Isso equivaleria a reconhecer seu destino na formação do indivíduo, nas identificações, na constituição dos conflitos psicosssexuais da infância e da adolescência, nas singularidades da neurose infantil, particularmente em suas implicações narcísicas, homossexuais e bissexuais, na escolha de objeto e também na sua articulação com os grupos e a cultura.

Kancyper (1999) igualmente sustenta a posição de que o complexo fraterno tem sua própria especificidade, podendo ou não estar articulado com o complexo de Édipo. Para esse autor, os efeitos das experiências fraternas alcançam um grau tão elevado de conteúdo que marcam o destino do sujeito e de seus descendentes.

No território psicanalítico, o conceito de complexo é definido como um conjunto organizado de representações e de investimentos inconscientes, constituído a partir dos fantasmas e das relações intersubjetivas nas quais o indivíduo busca seu lugar de sujeito do desejo frente aos outros. Sendo assim, a conflitiva se apresenta como uma característica intrínseca ao funcionamento desse conjunto.

O complexo é constituído de diversos tipos de materiais: ele é sustentado por fantasmas de desejo, investimentos pulsionais, modelos de objetos e de relação de objeto, identificações e imagos, mecanismos de defesa, etc. (Kaës 2011, p. 42)

O complexo fraterno, por definição, corresponderia a uma organização fundamental dos desejos amorosos, narcísicos e objetais, do ódio e da agressividade diante de um outro, no qual um sujeito se reconhece enquanto irmão ou irmã. Na resenha de Kaës (2011), comportaria duas formas, uma arcaica, definida por relações com objetos parciais (cindidos) e outra derivada do complexo de Édipo, marcada por relações com objetos integrados. Como acontece com o complexo de Édipo, o complexo fraterno também se constitui, transforma-se (deforma-se) e depois declina, sem jamais desaparecer.

Kancyper (2004) sistematizou quatro funções diferentes do complexo fraterno em seu estudo sobre o tema: a função substitutiva representa uma alternativa para deslocar e reparar funções parentais, podendo operar como

função elaboradora do complexo de Édipo, do narcisismo e das angústias e sentimentos hostis relacionados com os progenitores deslocados para os irmãos; a função defensiva se manifesta quando o complexo fraterno encobre situações conflitivas edípicas ou narcisistas não elaboradas, servindo para desmentir a confrontação geracional, através de deslocamentos e falsos enlaces entre os pais e irmãos; a função elaboradora se define pela perspectiva de o complexo fraterno contribuir para o incessante trabalho de elaboração e superação dos aspectos normais e patológicos do narcisismo e do complexo de Édipo, que surgem ao longo de toda a vida.

A quarta função, em meu ponto de vista distinguível por sua importância, representa o vértice estruturante do complexo fraterno, ressalta seu caráter fundante da organização da vida anímica do indivíduo, dos povos e da cultura. O complexo fraterno é partícipe na estruturação das dimensões *inter*, *intra* e *trans* subjetiva uma vez que influencia na gênese e na manutenção dos processos de identificação no próprio ego, nos grupos, na constituição do superego e do ideal do ego e na eleição do objeto amoroso.

Também na clínica, a "transferência fraterna" (Kancyper, 2004) apresenta suas próprias especificidades, mantendo seus pontos de intersecção com os aspectos narcisistas e triangulares. Tal transferência reedita a história infantil e atual com as particularidades dos irmãos, devendo o analista reconhecê-la em toda sua dimensão tópica, dinâmica e econômica. O analista deve discernir também de que modo interagem no analisando as fantasias inerentes à fratria durante as diferentes fases do processo analítico, fantasias estas que são reativadas não somente na presença do analista, como também frente aos demais analisandos, enquanto "irmãos".

É possível dizer que o complexo parental representa o eixo vertical da estruturação psíquica, uma vez que põe em cena o amor e o ódio pelos pais, em uma relação assimétrica, capaz de tecer as diferenças entre os sexos e entre as gerações. Por outro lado, o complexo fraterno representa o eixo horizontal da estruturação emocional mantendo as variações de amor e ódio com um outro contemporâneo e simétrico, articulando o narcisismo e os processos de identificação com um "semelhante". Os desdobramentos e elaborações de ambos os eixos, bem como suas interfaces, assinalam saltos subjetivos e simbólicos fundamentais.

Por reconhecer a envergadura estruturante do complexo fraterno³, sua especificidade e importância nos processos de constituição do eu (identitários) e

³ Considero importante delimitar aqui a distinção entre o complexo e as demais categorias relacionadas ao fraterno, como o laço e a fratria. O complexo fraterno abrange uma formação inconsciente, sendo independente da presença real de um irmão. Os laços fraternos descrevem uma estrutura de relações consanguíneas. A fratria, por sua vez, seria a estrutura psicossocial que contém os laços.

na sexualidade e, ainda, a necessidade de elaboração dos seus destinos na clínica psicanalítica, proponho a seguinte indagação: poderia o complexo fraterno receber um estatuto metapsicológico?

Lembremos que Freud enfatizou como sendo a principal característica da metapsicologia a descrição do entrecruzamento dos pontos econômico, tópico e dinâmico. De acordo com essa tripla perspectiva, é retratado um campo de trabalho em tensão permanente, de múltiplos polos (Rache & Tanis, 2017).

O complexo fraterno primário e secundário:

Os autores que desenvolveram a temática do complexo fraterno são concordantes em descrevê-lo em dois vértices, o arcaico ou narcísico e o mais ulterior, edípico.

A partir de uma síntese feita sobre o tema e em função da proposta de conferir-lhe um estatuto metapsicológico, optei por designar as duas facetas do complexo fraterno através do conceito de primário e secundário, ressaltando sua posição na constituição do psiquismo, as lógicas de identificação e de escolha de objeto.

Freud compreende por identificação primária aquela forma de identificação que se origina principalmente nos primeiros períodos da vida e que, por preceder ao investimento libidinal de objeto, pertence ao narcisismo primário. A experiência de “querer ser o objeto” deixa marcas mnêmicas que vão constituir modalidades próprias do ego em construção. Posteriormente, determinadas marcas resultarão nas representações de objeto ou do desejo de objeto (categoria do “ter o objeto”), uma vez investidas pela libido.

A identificação primária é um conceito complexo e dinâmico, primordial no desenvolvimento psíquico, que vai sendo transformada a partir do amadurecimento dos vínculos e da percepção da realidade, constituindo outro tipo de identificação, então secundária pelo reconhecimento do objeto. A identificação secundária corresponde essencialmente ao mecanismo de constituição do superego, sendo sucedânea para a vinculação de objeto libidinal nos destinos edípicos. Apesar da constante dinâmica entre as duas formas de identificação, em termos do amadurecimento, a primária corresponde a um momento original e binário, enquanto a secundária figura em um momento ulterior e triádico (Valls, 1995).

Em correspondência com a perspectiva que Freud apresenta, em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1976j), sobre a diferença entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto, entre o “ser” e o “ter”, proponho as categorias “**ser irmão**” e “**ter um irmão**”, compreendendo-as como centrais no complexo fraterno.

Dessa forma, entendo que o complexo fraterno primário (ser irmão) corresponderia ao tempo da identificação primária e do narcisismo com seus desdobramentos, a figura do duplo, processos de alienação e diferenciação eu não-eu, objetos parciais. O complexo fraterno secundário (ter um irmão), por sua vez, corresponderia ao tempo da identificação secundária e do Édipo, reconhecimento do objeto e das diferenças anatômicas entre os sexos, complexo de castração (rivalidade e culpa).

A condição de "ser" irmão passa pela presença do outro, pela inevitável experimentação da alteridade, a partir dos paradoxos semelhante-diferente e familiar-estranho. Em nenhuma outra relação esse paradoxo é tão intenso, uma vez que um irmão é nosso semelhante "mais semelhante" e é também aquele com quem as diferenças, por serem tão evidentes, são muito difíceis de serem reconhecidas. Ser irmão implica suportar a ambiguidade essencial de dividir o indivisível, pois, como refere Pontalis (2006), na origem desse conflito está a representação de que uma mãe não se divide ou partilha: a mãe não será exatamente a mesma com cada filho.

O sentido da experiência com um outro semelhante está sublinhado por Freud desde o *Projeto* (1950/1976b), quando cita o *Nebenmensch*, o complexo do próximo ou semelhante. A situação que Freud descreve é a de um recém-nascido cujo objeto de percepção é um outro ser humano. Foi um objeto semelhante a esse que se constituiu como primeiro objeto de satisfação (ou objeto hostil) para o recém-nascido, daí revestir-se de interesse por parte do *infans* e ao mesmo tempo como campo privilegiado no qual o ser humano aprende a discernir. O complexo do semelhante consiste na emissão de um juízo de existência e de um juízo de atribuição sobre o semelhante, fazendo passar os atributos deste pelo próprio corpo do sujeito, colocando-se em seu lugar.

A relação com um irmão ou irmã poderia representar uma forma a posteriori do complexo do semelhante, com seu valor imitativo, especular e de discernimento? O sentido do a posteriori nesse contexto não estaria tão diretamente associado ao trauma e sim a ideia da remodelação de experiências, impressões e traços a partir de novas vivências e do próprio desenvolvimento, como refere Freud na *Carta 52*, "o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias. . . ." (1950/1976a, p. 324).

Carrascoza (2019) escreve:

No meu rosto, sei que é um desafio (ingênuo) à ordem imutável das coisas, mas é minha incontestável vitória, mesmo se interina: no meu rosto, enquanto eu estiver aqui, mora ainda o rosto dela; minha irmã se parece comigo e se ela não, eu continuo; se ela até agora, eu ainda; se ela linha divisória a se apagar, eu marco aceso

de fronteira; se Mara uma existência quase acabada, a caber na minha existência ela continua; se ela presença subtraída, eu reminiscências multiplicadas. (p. 18)

Na dialética semelhança-diferença, o irmão acaba sendo suficientemente o “mesmo” para representar um duplo, e suficientemente o “outro” para não ser o “eu-mesmo”. O fenômeno do duplo aparece em todos os graus do desenvolvimento, e, segundo Freud (1919/1976i), são personagens considerados idênticos porque parecem iguais. O sujeito identifica-se de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu, ou substitui seu próprio eu por um estranho, a partir de uma divisão e intercâmbio do eu e da repetição dos mesmos aspectos. Um irmão pode assumir o valor e a função de diferentes figuras do duplo, sendo que, ao lado das ameaçadoras figuras associadas ao estranho, torna-se importante também sublinhar a função delimitadora, complementar e simétrica do duplo.

A questão sobre qual dos irmãos é o predileto, o receptáculo de todas as atenções, é outro aspecto próprio da face primitiva do complexo fraterno. Para Pontalis (2006), mais do que ser o único, a indagação é sobre quem tem o poder de tornar-se o único, mesmo que a manobra implique anular os irmãos e, ao fazê-lo, estar sujeito ao ameaçador retorno do duplo, sob as figuras do estrangeiro e do estranho. Ser irmão significa a força de uma união fundamental para fazer frente ao pacto pelo assassinato do pai da horda primitiva e assim suportar as consequências do sentimento de culpa, mas também significa desejar ser o irmão total, o absoluto.

A engrenagem posta em jogo é a do narcisismo de vida e de morte, a partir da figura do semelhante e do duplo. O duplo especular, este gêmeo em imagem, é o ponto de origem do complexo fraterno. Retomando Freud, no clássico texto sobre o narcisismo, de 1914, proponho como sendo esse ponto de origem a figura da “**sua majestade o irmão-bebê**” (1914/1976g).

Através da projeção dessa unidade ideal com o irmão, torna-se possível experimentar a fraternidade e a cumplicidade: ser todos em um só, o que representa um destino vital do narcisismo. Por outro lado, no desvio mortal narcísico, irrompe a busca de extinção total do desejo de diferenciação: nem um e nem o outro.

Sob o fundamento do narcisismo, Kaës (2011) escreve que as formas arcaicas do complexo fraterno nascem no espaço psíquico, cujo lugar é o corpo fantasmático da mãe pleno de irmãos e irmãs, enquanto objetos ainda parciais. O imaginário da comunhão fraterna, da unidade, da não separação funda-se nessa relação com o corpo da mãe. Nessa organização primitiva, prevalece o que poderíamos chamar imagem da “mãe-com-irmãos-e-irmãs”, imagem constituída nas identificações precoces estabelecidas a partir do poder de fecundidade da

mãe. Tal fantasia corresponde ao medo das "carroças de bagagem carregadas" expresso pelo Pequeno Hans, uma mãe completa, fálica, cheia de múltiplos bebês. O reinado é o da fusão e complementariedade, futuro palco para a passionalidade (paixão e ódio) entre os irmãos.

É nesse âmbito que Kaës (2011) propõe a fantasia da fratria mágica, como uma reconstituição do falo materno. Através da fantasia da fratria mágica almeja-se formar um conjunto uno e forte, onipotente e autoengendrado: irmãos e irmãs são pares sem pai. Tal concepção de fratria representaria uma defesa regressiva para as angústias pré-genitais e de castração.

Outras variações do duplo seriam o duplo ideal, como suporte da tensão entre o ego e o ideal do ego; o duplo bissexual, como suporte da tensão conflitiva entre a heterossexualidade e a homossexualidade; e o duplo especular, como suporte da tensão surgida pela impossibilidade de alcançar uma exata coincidência espelhada no outro ou pela inquietante ameaça da perda ou roubo da identidade (fantasia associada à gemelaridade).

Kaës (2011) pondera que o duplo narcísico especular seria a figura do narcisismo originário, o irmão como forma perfeita do eu-mesmo. Nesse contexto, o tema da gemelaridade, enquanto fantasia, surge como um ponto importante no complexo fraterno. O gêmeo corresponde à figura da especularidade; ou seja, o que acontece com um, acontece também ao outro, como se compartilhassem o mesmo espaço psíquico, dois corpos em um. A gemelaridade, dessa maneira, configura-se como um paradigma da fraternidade perfeita e do amor fraterno ideal.

A elaboração do paradigma da fraternidade ideal implica na progressiva aceitação da realidade do outro e na tolerância às diferenças. Nesse percurso, torna-se fundamental salientar as transmissões intergeracionais e transgeracionais. A representação "irmão ou irmã" também será transmitida a partir da vivência parental com seus próprios irmãos e da elaboração do complexo fraterno dos pais, com seus conflitos, traumas e desfechos.

Sobre nossa origem, quase nada a dizer. Eu e Mara somos tão somente filhos de um bancário e de uma cozinheira. Mas padecemos do mesmo espanto de viver, ora no grau mínimo de felicidade, ora sob a náusea magna do desencanto. (Carrascoza, 2019, p. 27)

O lugar de cada criança no desejo dos pais repercutirá diretamente sobre as vicissitudes do laço fraterno, produzindo características e material para o complexo fraterno. Conforme referencia Aulagnier (1989), o que dá contorno para a identificação primária é a dupla alienação do *infans* no desejo e no imaginário da mãe. A história de um tempo vivido pelo psiquismo antes do eu,

enquanto historiador, será falada pelos enunciados maternos e pelas resistências da própria criança a estes. As idas e voltas entre sujeito e objeto, o lado reflexivo do movimento alienação-separação, constituem momentos essenciais, em que o importante é a resposta do outro.

Outro tema que corresponde ao complexo fraterno primário em intersecção com o complexo fraterno secundário é o da bissexualidade. A bissexualidade fraterna aparece como o sobreinvestimento do complemento sexual fálico: ser a irmã no irmão, o irmão na irmã. “Hanna pertence a mim ou à mamãe?”; perguntou o Pequeno Hans, a respeito de sua irmãzinha. (Freud, 1909/1976e)

Em 1923, Freud (1923/1976l) descreve que a bissexualidade seria parte causal da ambivalência na relação com os pais, sendo fundamental nos desdobramentos edípicos: positivo, identificando-se com o genitor do mesmo sexo, e negativo, identificando-se com o genitor do outro sexo. Como no Complexo de Édipo poderíamos considerar uma vivência negativa e uma positiva do complexo fraterno?

Segundo Kaës (2011), a bissexualidade no complexo fraterno torna-se uma experiência criativa, quando abre caminho para o reconhecimento das diferenças entre os sexos. O fantasma (duplo) bissexual fraterno, por sua vez, é uma defesa do narcisismo contra a angústia de castração, diante dos desejos homossexuais e heterossexuais interditados, adquirindo valor de recusa e negação da diferença entre os sexos.

Que sei eu de seus amores? Dela com eles, no íntimo das conversas, na entrega dos corpos, na junção de sonhos, nos desenlaces?... Os meus amores? Ela nunca emitiu opinião, não evitou nem maltratou essa ou aquela com quem me envolvi. Sabia quem eu traía, quem me traiu mais do que eu mesmo, talvez pela sua intuição feminina. Mara, ela sabia o quanto era intenso o sentimento entre nós dois, irmãos. (Carrascoza, 2019, p. 121)

Freud (1908/1976c), ao compreender os caminhos da sexualidade infantil, salientou a queda narcísica e o impacto traumático que a vinda ao mundo de um irmão ou irmã pode trazer, quando a criança é obrigada a renunciar aos seus fantasmas de onipotência infantil. O interesse da criança pela origem da vida e o conhecimento de alguns processos sexuais surge a partir dos instintos egoístas que a dominam quando é surpreendida pela chegada de um bebê, um irmão. É o nascimento do “irmão” que traz o pressentimento de que terá de compartilhar o carinho e a atenção dos pais com o recém-nascido, o que desperta intensas emoções e aguça a capacidade de pensamento. Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta: “de onde vem esse bebê intrometido?”

A figura do "bebê-irmão-intrometido", localizada no tempo das pesquisas e das teorias sexuais infantis, anuncia a transição para o complexo fraterno secundário. Está inaugurada a era do "ter um irmão", com toda a gama de fantasias, afetos e rearranjos pulsionais próprios dessa conflitiva. O complexo fraterno, a figura do irmão, tem como função estimular a capacidade de pensar e criar teorias que possam dar conta das demandas pulsionais em contraste com o princípio de realidade.

Carrascoza (2019) escreve:

Eu queria dizer a Mara ... dizer que o mundo para mim tinha trocado de pele quando ela nasceu, eu tinha a vantagem de dois anos, eu ainda mal aprendera a falar, eu aprendera só a ser filho único ... eu registrava sentimentos desconhecidos e a eles me entregava, e claro, entendi, que o ciúme me possuía ao ver o ventre da mãe se intumescer pouco a pouco, e a voz dela e a do pai se acariciando ao pronunciar para lá e para cá o nome daquela que seria você, a minha irmã, Mara. (p. 67)

Na lógica edípica o irmão é o rival. Sentimentos de ódio e inveja se aliam aos desejos inconscientes de castigo sádicos ou de homicídio fraterno. A menos que a criança se fixe em manter a ilusão de uma unidade com a mãe, ou seja, recusar a presença e a realidade de um outro, destruindo-o, ela é confrontada com a necessidade de reconhecer o desejo dos pais por um outro semelhante.

O ódio e as pulsões fraticidas, a inveja e a rivalidade, estão presentes no laço entre irmãos e irmãs. Segundo Kaës (2011), Freud não faz uma distinção entre ambição, rivalidade e inveja; fala mais desta última como um estado afetivo que pode ser considerado normal como o luto. A inveja normal estaria ligada à dor sentida pela perda do objeto amado e à humilhação narcísica. Assim, a inveja torna-se constante em todo laço fraterno e estaria destinada aos rivais em relação à mãe como objeto primordial.

Os relatos da rivalidade fraterna, do desejo fraticida e do homicídio do irmão percorrem o relato bíblico. O crime de Caim inaugura a primeira morte da humanidade, pelo homicídio violento de Abel, seu irmão. Toma este duplo significado: o de uma saída violenta do espaço do desejo materno e o da supressão de um rival. Também os mitos gregos e romanos, as tragédias, os contos (Irmãos Grimm, por exemplo) estão cheios de relatos de irmãos inimigos que se invejam, se odeiam, se enfrentam até o desaparecimento do rival.

Também as lendas pessoais, que circuitam a sexualidade infantil e foram descritas por Freud como "romances familiares", fazem de irmãos e irmãs personagens centrais. A criança tende a utilizar essas histórias imaginativas para despojar os irmãos mais velhos de suas prerrogativas, de uma maneira que lembra as intrigas históricas. Surge uma versão interessante em que o herói-

autor tem sua legitimidade reconhecida enquanto seus irmãos e irmãs são declarados bastardos. Assim, por exemplo, o jovem construtor de fantasias pode eliminar o grau proibitivo de parentesco que o une a uma irmã por quem se sente sexualmente atraído. (Freud, 1909/1976d).

A partir de *Totem e tabu* (1913/1976f), Freud articula a organização dos laços fraternos e das relações de grupo dos irmãos com a organização das relações sociais. O tema da horda dos irmãos ligará a problemática edipiana à superação da inveja e da ambição, na identificação ao semelhante e à formação do grupo. A rivalidade, a inveja e o ciúme estão na base afetiva dessa nova formação que, para se manter coesa, institui o tabu do incesto e a exogamia no lugar da lei do desejo. Os investimentos e as identificações antes dirigidos ao pai deslocam-se para a figura do irmão, nos rudimentos de uma vida em sociedade.

Os movimentos favorecidos pelo complexo fraterno junto da identificação com o irmão transformam os sentimentos de rivalidade em um amor pelo objeto anteriormente odiado e auxiliam a virada do ódio em ternura homossexual. As identificações secundárias com o pai sustentam a aliança simbólica dos irmãos contra o retorno de suas pulsões parricidas ou contra a deflexão dessas pulsões sobre eles mesmos.

Carrascoza (2019) narra:

Entramos em conflito, eu e Mara, inúmeras vezes. Mas, se algumas discussões machucaram mais a um do que a outro, a maioria das discordâncias, por questões frívolas, não nos abateu; ... Uma ocasião, contudo, fui hostil ao exagero com ela, pedi desculpas depois, mas a tristeza que lhe plantei, com minhas palavras agudas, rasgou a sua sensibilidade e sangrou por muito tempo. Se pudesse, apagaria esse episódio, mas o tempo, ao passar por nós como um rio, segue para a foz, não lhe é permitido retornar à nascente. (p. 107)

O tabu do incesto põe em cena toda a força do seu oposto, ou seja, o desejo de incesto nas relações fraternas. O desejo de incesto fraterno é um poderoso vetor das pulsões libidinais. Ele é universal e possui sua própria configuração.

Todos os neuróticos criam o chamado romance familiar (que se torna consciente na paranoia); ele atende, de um lado, à necessidade de autoenaltcimento e, de outro, serve como defesa contra o incesto. Quando a própria irmã não é filha da mesma mãe, fica-se isento de qualquer responsabilidade. (Freud em carta para Fliess, junho de 1898, p. 318)

Segundo Kaës (2011), torna-se significativo ponderar a diferença entre o fantasma de incesto, o incestual e a consumação do incesto. Os sonhos e os fantasmas de incesto são partes constituintes do complexo fraterno; o incestual

corresponde a uma organização psíquica sob o primado da relação de sedução narcísica; o incesto consumado é um ato cujo sentido e valor de transgressão dependem dos fatores estruturais que definem o laço fraterno no seio daquela família. A traumática união incestuosa entre irmãos destrói tanto o laço familiar quanto o laço social.

No relato sobre o Homem dos Lobos, Freud (1918/1976h) refere que a sedução pela irmã ocupara um lugar importante no adoecimento do paciente. "A explicação veio de uma só vez, quando o paciente se lembrou, de repente, de que, quando era ainda muito pequeno, a irmã o induzira a práticas sexuais" (p. 34). Em algum momento do texto, Freud interrompe a história da infância do paciente para descrever aspectos da personalidade da irmã, compreendendo que a relação entre os irmãos fora decisiva nos sintomas daquele. "Ela era dois anos mais velha e esteve sempre a sua frente em tudo. Quando criança era intratável e comportava-se como um menino. . . . Era mentalmente muito superior. . . . Pouco depois dos vinte anos, no entanto, começou a ficar deprimida. . . ." (p. 35). Compreende que para além do problema da sedução, o paciente encontrou na irmã um competidor inconveniente, que trazia sentimentos de opressão e medo.

Ao considerar o texto de Freud, pode-se compreender os destinos traumáticos da sedução e como a relação com a irmã influenciou na escolha dos objetos amorosos do paciente, em cooperação com os registros da cena primária. Quando alcançou a puberdade, ele se arriscou em uma tentativa de aproximação física mais íntima com a irmã. Ela repudiou-o e isso determinou que o paciente buscasse outro objeto, uma camponesa que servia na casa e tinha o mesmo nome da irmã. Freud define que ao fazê-lo, o paciente estava dando um passo que teve influência na sua escolha de objeto, pois as demais garotas pelas quais se envolveu também eram camponesas, ou com educação menos privilegiada. Tal rebaixamento da figura feminina tinha a intenção de pôr fim à superioridade intelectual da irmã.

O texto de Freud revela como o fantasma incestuoso impõe-se como uma figura de desejo pelo duplo e como uma modalidade sexual de realização. Os fantasmas do incesto entre irmãos e irmãs, ou entre irmãos do mesmo sexo, fazem emergir a sexualidade no cerne do complexo fraterno, com suas nuances pré-genitais e genitais. A entrada na adolescência, pela irrupção da sexualidade, agrega novos matizes ao complexo fraterno, tornando o amor fraterno e os fantasmas incestuosos mais intensos.

Kaës (2011) ressalta a importância de marcar o amor entre irmãos não somente como uma formação reativa ou uma inversão do ódio em ternura homossexual. O complexo fraterno incluiria uma gama de nuances amorosas

para além da ternura, como a confiança, o apoio, a convivência, a solidariedade, a gratidão, o cuidado. De igual maneira, poderia incluir toda ordem de paixão, incesto e perversão.

A morte no complexo fraterno:

Ter uma irmã e depois não ter. Ter a vida inteira, enquanto cresci e comecei a envelhecer, e, de súbito, em poucos meses, não a ter mais, e seguir envelhecendo, talvez até ter um filho que seria o seu sobrinho, que ela abraçaria com ternura, e nele surpreenderia gestos e olhares que lembrariam de mim. . . (p. 46)

Através das palavras de Carraschoza (2019), introduzo a temática da morte no complexo fraterno, com seus comoventes desdobramentos.

A morte de um irmão ou irmã é um evento traumático no qual convergem o laço fraterno, em sua ruptura, e o complexo fraterno, com seus efeitos no trabalho do luto, escreve Kaës (2011). É sob o signo do homicídio do duplo fraterno que a questão da morte de um irmão se inscreve de uma maneira ímpar no psiquismo do sobrevivente.

Na história clínica do Homem dos Lobos, encontra-se o registro que Freud (1918/1976h) faz sobre a morte da irmã do paciente e a reação deste frente à notícia. Quando soube da morte dela, ele mal sentiu qualquer sinal de dor, teve que se esforçar para mostrar sinais de tristeza, chegou a sentir algum júbilo por ser o único herdeiro da propriedade da família. Quando isso ocorreu, o paciente já sofria há vários anos da sua doença. Freud compreende que essa atitude correspondia a uma defesa e que as sensações relacionadas à perda da irmã, ao ciúme e ao amor incestuoso, tinham tomado um caminho alternativo de expressão: alguns meses após a morte da irmã, o paciente fez uma viagem às imediações do lugar em que ela havia morrido e ali procurou o túmulo de um grande poeta, que na época era seu ideal, e derramou lágrimas sobre a tumba. Só foi possível compreender a razão dessa atitude quando lembrou que o pai tinha o hábito de comparar os trabalhos da irmã morta com os do grande poeta.

Os efeitos psíquicos da morte de um irmão ou irmã são estabelecidos por seu nível de organização psíquica e libidinal no momento da perda, bem como as possibilidades de defesa disponíveis. Quando essa morte ocorre em uma idade precoce ou pré-histórica, torna-se essencial considerar o trabalho de luto que os pais fizeram da perda do filho. Da mesma forma, é preciso considerar as singularidades do luto de um irmão quando algum dos pais traz na sua própria história infantil a mesma vivência da morte de um irmão.

Um dia esse dia chega, e esse dia chegou para ela, e, embora já o vivêssemos em parte a cada dia desde a notícia, esse dia desabou sobre nós, dizimando feito papel a fortaleza de resignação que fingíamos ter erguido – não, não há blindagem contra perdas. ... foi esse dia que continua sendo todos os dias seguintes que descobri a dor, essa palavra tão aquém, de efeito tão menor ao que eu sentia e sinto, a dor, não era e nem é ainda o nome daquilo que me rasgou e segue me rasgando, a dor, mesmo no seu ápice, era, é e será sempre pouco para expressar a explosão que a ausência dela me causou. (Carrascoza, 2019, p. 83)

A morte precoce de um filho é uma situação anormal para os pais e o filho sobrevivente. A imago do irmão morto aparece como o duplo mortal e mortífero do filho sobrevivente, como uma imagem de seu narcisismo destruidor (rivalidade e identificação heroica).

Torna-se importante compreender os lugares que o sobrevivente se imagina ocupar no desejo dos pais e a natureza das identificações com o outro: por que meu irmão ou irmã e não eu? Por que ele ou ela, independentemente da sucessão das gerações? Trata-se de um drama que lança a morte de um irmão no nó das relações de vida e morte, de sexo, geração, amor e ódio. Kaës (2011) levanta o questionamento a respeito de falar da morte de um irmão ou irmã sem precisar o estatuto do objeto perdido, ou seja: a morte de um irmão para uma irmã seria o mesmo que a morte de uma irmã para outra, por exemplo?

Nos lutos difíceis no filho, o impacto dos lutos tornados impossíveis para a geração precedente fixa, na repetição do retorno do morto, a relação com o duplo não enterrado. Kaës (2011) denomina *pacto intergeracional de resistência ao luto* certas dificuldades encontradas no curso da análise, quando a morte de um irmão ou irmã se inscreve em uma história familiar que se tornou traumática pela morte de filhos que permaneceram fora do luto dos pais.

Quem perde um irmão ou irmã acaba perdendo partes de si conjuntamente. E essas partes não são as mesmas que aquelas que representam o pai ou a mãe. É também a representação do sexo paterno castrado e da fecundidade da mãe atingida, exaurida e ferida. Essa imago sustenta a ambivalência ou a clivagem do amor e do ódio do irmão e da irmã mortos, odiados pelo pesar causado à mãe e idealizados por se terem subtraído às vicissitudes da sexualidade e, por essas razões, serem eternizados como um filho ou filha maravilhosos e imaculados (Kaës, 2011).

A imago do irmão morto sustenta, no sobrevivente, o fantasma do êxito de sua onipotência diante do rival e, por conseguinte, sua culpabilidade e exigência de reparação. A imagem do irmão morto vem preencher a solidão do sobrevivente em relação às funções assumidas pelo duplo desaparecido: amado e odiado. Por conta disso, a representação do irmão morto se configura como uma imago que retorna. Essa figura assombra com a sensação da inquietante estranheza, descrita

por Freud (1919/1976i). Se o morto retorna, assim ele não está perdido ou definitivamente desaparecido; se ele retorna, o irmão vivo não fica só.

A morte do duplo fraterno tem um efeito específico de fazer ruir o alicerce especular narcisizante: ela requer do sobrevivente um trabalho psíquico equivalente aos dos processos traumáticos profundos. Torna-se importante considerar os remanejamentos pulsionais relacionados a esses desdobramentos de investimento no duplo. A partir da imago do irmão morto é preciso acomodar-se de uma maneira ou de outra.

Por fim, através das palavras de Carrascoza, pontua-se a importância da temática do complexo fraterno e seu impacto como experiência emocional a ser subjetivada em toda história humana. “Penso nas conversas que tivemos, quando parecia que não morreríamos. Mas ela se foi. E eu fiquei. Viver mais significa não só vida mais longa, mas também morrer mais. Minha irmã morreu menos” (Carrascoza, 2019, p. 114).

“To be a brother is to be what”? A study on the Fraternal Complex and the self-constitution

Abstract: This paper aims to discuss the theme of fraternal complex, a fundamental content in the structuring and traumatic sense of the psyche, but poorly recognized in the psychoanalytic field. The work of René Kaës and Kancyper is used as a background for dissecting the fraternal complex down to its narcissistic and oedipal dimensions. Further, the author suggests to rename such dimensions as primary and secondary fraternal complexes, referring to the specificities of the categories “being a brother” and “having a brother”. The problematic death of the brother is also highlighted, in association with the work of José A. Carrascoza.

Keywords: Brother. Fraternal complex. Grief. Self-Constitution.

Referências

- Aulagnier, P. (1989). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: Do discurso identifiante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta.
- Carrascoza, J. A. (2019). *Elegia do irmão*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Freud, S. (1976a). Carta 52. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (1976b). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (1976c). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. (1976d). Romances familiares. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (1976e). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (1976f). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1976g). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1976h). História de uma neurose infantil. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)

Freud, S. (1976i). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1976j). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (1976k). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922)

Freud, S. (1976l). O Ego e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

- Jeffrey, M. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kaës, R. (2011). *O complexo fraterno*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Kancyper, L. (1999). *Confrontação de gerações: Estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (2004). *El complejo fraterno: Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen.
- Pontalis, J. B. (2006). *Frère du précédent*. Paris: Gallimard.
- Rache, E., & Tanis, B. (2017). *Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher.
- Valls, J. L. (1995). *Diccionario freudiano*. Madrid: Julian Yébenes.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 02/03/2022

Aceito em: 30/05/2022

Paula Esteves Daudt Sarmento Leite
Rua 24 de outubro 1440/905
90510-003 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: pauladsl@terra.com.br